

## METRÓPOLE GLOBAL: MARKETING OU REALIDADE? UMA BREVE ANÁLISE PARA A CIDADE DE SÃO PAULO<sup>1</sup>

Adriana Bernardes<sup>2</sup>

### RESUMO:

Com o presente trabalho propomos discutir dois pontos centrais que, em verdade, desdobram-se. Primeiramente buscamos ressaltar as acentuadas transformações que vêm passando as metrópoles contemporâneas e, em particular São Paulo, diante do processo de globalização. Indagamos então sobre natureza das relações existentes entre a formação da economia global e as recentes dinâmicas que se estabelecem em áreas metropolitanas. Entretanto, e aqui apresentamos o segundo ponto, interessa-nos tecer uma abordagem que seja constitutiva no âmbito da análise geográfica, o que nos traz uma preocupação metodológica a respeito dos caminhos possíveis para o entendimento da atual realidade metropolitana, na qual, o espaço geográfico o espaço banal seja o norte a nos conduzir.

### PALAVRAS-CHAVE:

Metrópole Global Informação São Paulo.

### RÉSUMÉ:

Nous proposons la discussion de deux aspects centraux de la réalité métropolitaine d'aujourd'hui. Tout d'abord, nous voulons attirer l'attention sur les transformations importantes que vivent actuellement les métropoles contemporaines et, en particulier, São Paulo, face au processus de la globalisation. Nous allons donc examiner la nature des rapports qui existent entre la formation de l'économie globale et les nouvelles dynamiques qui s'établissent dans les régions métropolitaines. Néanmoins, et deuxièmement, nous voulons faire plutôt une approche constructive de l'analyse géographique. Cela entraîne une préoccupation méthodologique à propos des chemins possibles vers la compréhension de la réalité métropolitaine actuelle, dans laquelle l'espace géographique, en tant qu'espace banal, jalonne cette recherche

### MOTS-CLÉS:

Métropole Globale Information São Paulo.

## 1. APRESENTAÇÃO

As modernizações do presente estão pautadas em importantes alterações na divisão técnica, social e territorial do trabalho, que atinge, hoje, toda a escala do planeta, e tem por base a produção de informações voltadas à crescente racionalização da sociedade. Daí, M. Castells e P. Hall (1994:22) denominarem informacional o novo modo de produção e gestão econômica, em que "a produtividade e a competitividade baseiam-se, de forma crescente, na gestão de novos conhecimentos e no acesso ao processamento de informações adequadas".

A partir dos anos 50, segundo A. Leyshon (1992), emergiram os pactos de uma outra regulação que, atingindo o conjunto da sociedade, veio tratar de organizar as bases políticas e técnicas da globalização econômica. A produção, o consumo e a distribuição, tornados globais, dependem de uma capacidade de racionalização, que também poderia

ser traduzida por uma capacidade de investimento em conhecimento para a produção de necessidades.

Juntamente, são em determinadas áreas metropolitanas que as forças de regulação e organização se instalam, onde as atividades de controle hegemônico encontram o meio geográfico necessário para serem produzidas e aí se concentram. A concepção de metrópole global nasce da análise dessas transformações na economia metropolitana, que não mais tem seu poderio assentado na função de principal pólo industrial do sistema urbano, mas na capacidade de produzir e transmitir informações, conhecimento. Daí também falarmos em um novo arranjo planetário dos sistemas urbanos e suas correspondentes hierarquias.

- 1 O presente trabalho foi redigido em agosto de 1995 e sua primeira versão apresentada durante o I Encontro Nacional da ANPEGE; *Território Nacional e Globalização*, UFSE, setembro de 1995.
- 2 Aluna de Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana -USP.

## 2. A EMERGENTE DIVISÃO TERRITORIAL DO TRABALHO METROPOLITANA

O setor dos serviços ou, mais precisamente, o setor quaternário, que engloba atividades de pesquisa, financeiras, publicidade e *marketing*, consultorias diversas, entre outras, destaca-se como uma das novidades desse período histórico na medida em que engloba, justamente, atividades informacionais. Tratam-se de tarefas fundamentais, cujo papel   gestar e coordenar, apoiadas por modernos meios técnicos unificados de difusão, a produção da economia global.

Casam-se, agora, novas tecnologias e novas atividades de uma forma até então desconhecida na história. A tendência   descentralização global das empresas, a partir de novos sistemas organizacionais e do consumo ampliado   escala do planeta, somente tornou-se possível na medida em que o desenvolvimento científico e tecnológico permitiu a construção de "sistemas técnicos unificados" que atingem tanto os objetos (vide os chamados *edifícios inteligentes*), como as ações (vide os programas denominados por *reengenharia e qualidade total*).

Ora, tais transformações atingem não somente a hierarquia do sistema urbano, como o reorganizam por completo. Todo o movimento que altera a divisão técnica e social do trabalho implica também em divisão territorial do trabalho. Milton Santos (1982;40) considera que "a cada movimento social, possibilitado pelo processo da divisão do trabalho, uma nova geografia se estabelece, seja pela criação das novas formas para atender as novas funções, seja pela alteração funcional das formas já existentes. Daí a estreita relação entre a divisão do trabalho, responsável pelos movimentos da sociedade, e a sua repartição espacial."

Vários autores, entre os quais destacamos, J. Friedmann (1976), M. Castells (1986), S. Sassen (1991), A. Shashar (1983), vêm desenvolvendo um vasto campo explicativo a respeito das denominadas metrópoles globais, analisando, principalmente, as novas funções metropolitanas diante dessa emergente divisão social e territorial do trabalho produzida com a economia global.

Para Saskia Sassen (1991), "as alterações na geografia e na composição da economia global dos últimos anos produziram uma complexa dualidade: a dispersão da atividade econ mica e a manutenção de uma organização mundialmente integrada"... e que, "o gerenciamento centralizado sobre uma for-

mação de fábricas, escritórios e empresas prestadoras de serviços, dispersas geograficamente, requer o desenvolvimento de uma gama muito ampla de serviços altamente especializados e funções de gerenciamento e controle máximos". As metrópoles globais seriam, segundo Saskia Sassen, campos de produção dessa nova economia.

Já Shashar (1983) define as cidades globais como "regiões urbanizadas em grande escala, os centros de controle e acumulação de capital a nível internacional.....elas teriam seu poder não mais como núcleo de produção, pois este torna-se cada vez menos importante como veículo articulador do sistema, mas como veículo de articulação financeira, núcleos de pesquisa e desenvolvimento, *marketing* e acumulação de capital. Tais cidades globais formariam o atual sistema metropolitano mundial, cujos exemplos seriam, New York, Londres e mesmo São Paulo."

Poderíamos continuar precisando a definição de metrópole global, apurando as diferenças conceituais entre os autores que tratam dessa temática, mas queremos, no momento, somente ressaltar que existem elementos de consenso entre as várias análises, e que esses se remetem, justamente, ao papel e ao destaque da presença dos novos serviços, ou setor quaternário da economia, nessas metrópoles.

Estaria ocorrendo, ao longo das últimas décadas, uma refuncionalização de certas regiões metropolitanas, onde serviços para a produção e sistema financeiro são os elementos fundamentais, pois estariam atendendo, a um só tempo, os reclamos de produção e coordenação de um sistema econ mico global, pautado na mobilidade do capital, nas inovações tecnológicas e na habilidade de conceber, organizar, controlar e transmitir informações. Para Allen Scott (1994;96), o atual desenvolvimento metropolitano "encontra-se efetivamente centrado em torno de densas cadeias de produção, variadas e ricas em informação, algumas das quais atinge proporções gigantescas"

Assim, podemos considerar que as metrópoles globais, por concentrarem tais atividades, acabam por fortalecer um novo tipo de economia territorial (P. Veltz, 1990), baseada no trabalho imaterial, cujo poder vem de deterem e produzirem informações necessárias tanto a dinâmica dos fluxos em escala nacional e mundial quanto a racionalização da produção e do consumo, hoje diferenciado e seletivo. É nesse sentido que J. Bonamy e A. Valeyre (1994;28) apontam o *aprouche* organizacional como

uma mediação frutuosa para os estudos das relações entre serviços e espaço.

### 3. SÃO PAULO: CONTORNOS E ELEMENTOS DE UM NOVO PERÍODO

Quanto ao caso da metrópole de São Paulo, esta parece inserir-se no cerne do movimento da economia contemporânea, ou seja, São Paulo vem se adequando às exigências e demandas da sociedade global, alterando sua antiga função industrial (se é que podemos considerar a função industrial de São Paulo como sendo antiga, posto que tem menos de um século). Sobre a metrópole industrial vem assentando-se, agora, a metrópole informacional, como demonstra Milton Santos (1994) e Helena K. Cordeiro (1993), entre outros.

Vários são os indicadores destas transformações em São Paulo. Ao analisarmos a estrutura ocupacional da metrópole paulista na década de 80, as sedes de empresas nacionais e escritórios regionais de grupos transnacionais aí localizados, seu poderio como primeira praça financeira do país, a expansão da produção de sofisticados prédios de escritórios, os novos investimentos públicos em infraestrutura, entre outros elementos, percebemos que a atual dinâmica metropolitana relaciona-se à realização de eventos globais.

São significativas as perdas da metrópole paulista no que concerne ao processo de desconcentração industrial. No início da década de 70, a Região Metropolitana de São Paulo era responsável por 76% do VTI do estado de São Paulo. Já no final da década de 80 este percentual caiu para 56%. Ao mesmo tempo, cresce o peso dos serviços na economia metropolitana. O pessoal ocupado no setor secundário da RMSP em 1985 representava 33% do total; já em 1992 eram 26%. Quanto ao setor terciário, o pessoal ocupado representava 66,1% em 1985 e, em 1992, 71%, sendo que as atividades de serviços, em 1992, ocupavam 54% do total do terciário. (EMPLASA, 1994)

Ainda a título de exemplificação: entre as maiores empresas de informática do estado de São Paulo, 73% localizam-se na cidade de São Paulo (Anuário de Informática, 1993). São Paulo responde por cerca de 50% do total de passageiros no movimento aéreo internacional do país (FIBGE, 1993)

Somente o município de São Paulo concentra 70% dos depósitos e 81% do crédito do estado, bem como concentra (relativamente) também as sedes

de todo o setor financeiro do país, suplantando, desde a década de 60, a cidade do Rio de Janeiro. (Corrêa, R.L., 1989 e Anuário Estatístico do Estado de São Paulo, SEADE, 1993)

Poderíamos continuar exemplificando, ou melhor, apontando outros tantos indicadores, como as empresas de consultoria, agências de publicidade, turismo, eventos variados, centros de pesquisa etc.

As atividades hegemônicas, sediadas em São Paulo, são, hoje, de outra natureza. No dizer de Milton Santos (1993), a metrópole hoje é onipresente, pois encontra-se simultaneamente no centro e na periferia. Por isso Ana Fani A. Carlos (1994:192), discorrendo sobre as funções imateriais da metrópole contemporânea, nos fala de sua nova centralidade que articula, agora, áreas imensas do território. Não mais é a polarização industrial que garante a São Paulo ser a principal metrópole nacional. Podemos então considerar São Paulo uma metrópole global? Estaria São Paulo cumprindo funções de metrópole global?

### 4. UMA VISÃO HEGEMÔNICA DE MUNDO?

Talvez, reconhecer tal realidade, ou seja, a das mudanças na estrutura ocupacional, o fato de São Paulo ter se tornado primeira praça financeira do país, entre que classifico e quantifico as atividades, estando essas localizadas em determinados pontos do território, talvez não possa entender São Paulo como metrópole global, por comparação ao modelo definido para as grandes cidades dos países ricos. E dessa maneira abandonaria a compreensão da nova sinergia metropolitana na produção da totalidade-mundo. Distanciaria-me de compreender a atual trama das relações presentes na cidade de São Paulo, face a produção da economia global, e que são, por sua vez, também, particulares, específicas.

Relembramos aqui uma importante obra de Milton Santos, "Espaço e Método" (1985). Para o autor, "separada da função, a estrutura conduz ou a um estruturalismo a-histórico e formal, ou a um funcionalismo relacionado tão somente com o caráter conservador de todas as instituições, mas não com o problema da transformação" e, "se levarmos em conta somente a forma caímos no reino do empirismo" Somente o uso simultâneo "das quatro categorias - Forma, Função, Estrutura e Processo - nos permitirá entender a totalidade em seu movimento, pois nenhuma categoria existe separadamente"

Assim, a temática da cidade global deve ser enfrentada com cautela, sobretudo porque envolve,

de um lado, uma importante questão metodológica e, de outro lado, porque permite construções discursivas que transformam a cidade global numa das mais importantes formas de "poder simbólico" hegemônico da sociedade contemporânea.

## 5. A BUSCA DE UMA ANÁLISE CONSTITUTIVA

É comum encontrarmos nas falas de planejadores- ou mesmo em propostas concretas de planificação, como é o caso do Plano Metropolitano da EMLASA de 1994 para São Paulo-, na mídia e na fala de políticos, o discurso sobre São Paulo ser, agora, uma cidade global, como se São Paulo, New York e Tóquio, por assim dizer, fossem exatamente equivalentes.

O problema, no que concerne à análise, toca na não consideração do espaço real na reflexão sobre a cidade. Aqui, incluímos um dizer de Maria Adélia de Souza (1989) quando ela considera que "o urbanismo brasileiro não tratou o espaço como uma manifestação social. Projetar cidades no Brasil sempre significou considerar as variáveis tamanho, função"

Cabe-nos então, caso desejemos apreender o que é São Paulo hoje, considerarmos que a metrópole é uma totalidade. Mesmo estando aberta ao mundo, adequando-se às exigências da globalização, São Paulo encontra-se mergulhada na pobreza e no atraso. São Paulo é, simultaneamente, local, nacional e global. Aqui, é a totalidade do espaço geográfico que necessita ser considerada. Maria Adélia de Souza (1991;124) nos fala das "conexões geográficas (territoriais), portanto também urbanas" como uma noção importante na apreensão do atual período histórico: "tais conexões geográficas realizam a universalização (totalidade) em tempos e espaços diferenciados do território (singularidade e simultaneidade)."

Assim, do ponto de vista da análise intra-urbana, também não há homogeneização do espaço. Na metrópole configuram-se sub-espacos que concretizam o tempo dos atores hegemônicos, isto é, das grandes empresas realizando os novos eventos.

Partindo da premissa que o espaço, na definição de Milton Santos (1994), "é um conjunto indissociável de sistema de ações e sistemas de objetos" temos que, hoje, as ações e os objetos são crescentemente artificiais, no sentido de que são estrategicamente produzidos para atender às demandas globais. Os espaços constituídos por ações e objetos,

mediados, fundamentalmente, por ciência, tecnologia e informação, configuram-se em sub-espacos hegemônicos. Tratam-se dos espacos da globalização, cujos exemplos mais acabados se encontrariam em algumas metrópoles, onde é seletivamente criado - e de modo muito complexo - o meio técnico-científico-informacional.

As especificidades de São Paulo manifestam-se, pois, em formas singulares de fragmentação. Como explicar que São Paulo viva ao mesmo tempo um processo de involução e um processo de ultra modernização marcada pelo mundo simbólico-globalizado do consumo sofisticado? Como explicar que, numa cidade responsável pela aceleração, a maioria dos habitantes encontre-se imobilizada? Ao considerar as mediações, devemos aqui nos remeter ao conceito de formação socioespacial no intuito de alcançar as relações do lugar com o mundo.

Assim, a metrópole de São Paulo, como Forma-Conteúdo, permite a coexistência de diferentes temporalidades. O meio técnico-científico-informacional em São Paulo, como parte da totalidade metropolitana, possui a primazia de "comando dos processos econômicos e políticos" "A cidade como um todo, teatro da existência de todos os seus moradores, superpõe-se essa nova cidade, moderna e seletiva"...são lugares que "retratam a intencionalidade que preside à sua criação" e "cujos paradigmas são os edifícios inteligentes e áreas inteligentes" (Milton Santos, 1994; 76,77).

## 6. AS ESTRATÉGIAS POLÍTICAS DE UM *MARKETING* DA CIDADE GLOBAL

A ótica da cidade global preocupa-nos, então, quando surge como a própria totalidade metropolitana. Quando o meio técnico-científico-informacional, presente seletivamente na cidade, tende a se apresentar como a própria síntese da cidade, isto é, sob o discurso e a imagem da metrópole global, tornando distante a possibilidade de apreensão da realidade, e viabilizando, como função de *marketing*, a reprodução continuada da Metrópole Corporativa (Milton Santos, 1991).

Tal fato agrava-se, na medida em que, nos espacos hegemônicos, os novos objetos geográficos, além de serem ultrafuncionais, são, mais do que nunca e crescentemente, simbólicos. No dizer de Milton Santos (1979),

*"a evolução da forma é agora...função de marketing..., para interpretar corretamente o es-*

*paço é preciso descobrir e afastar todos os símbolos destinados a fazer sombra à nossa capacidade de apreensão da realidade”.*

Ainda, para Ana Clara Torres Ribeiro (1988;20), a “produção de imagens sintéticas que reduz a necessidade de abstração indispensável à apreensão do espaço vivido” pois afirmam-se “interpretações hegemônicas sobre a face moderna que se deseja para a cidade” Henri Lefebvre (1991), ao discutir a produção do cotidiano na sociedade moderna, nos fala do papel regente da racionalidade na organização da própria vida. Segundo o autor, trata-se de “uma racionalidade que toca as raias do absurdo, mas que é ótima na manipulação das coisas modernas” ou seja, possui um fim em si mesma.

Podemos então, para concluir, pensarmos na possibilidade de uma tecnoesfera conferindo produtividade ao espaço, associada a produção de uma psicoesfera, operando na produção de grandes sínteses sobre, no caso, a metrópole; ambas reproduziriam a forma urbana enquanto dimensão simbólica, em nome da racionalidade presente nas sociedades contemporâneas. O racional e o simbólico ganham essa nova dimensão no mundo globalizado.

A metrópole global de São Paulo, expressa pela presença do meio técnico-científico-informacional, é aquela que exclui, segrega e fragmenta-se ainda mais. Possui, além do domínio político e econômico, a força do “poder simbólico” que, no dizer de Pierre Bourdieu (1989), firma-se, “como todo poder simbólico” no “reconhecimento” produzindo “a existência daquilo que enuncia”

Tais espaços hegemônicos apresentam-se como sínteses da cidade, conformando determinada psicoesfera que tende, mediada principalmente pelas ações da mídia, atingir a todos. Para Ana Clara T. Ribeiro (1988:21), “as sínteses são produzidas, sobretudo, pela seleção simbólica de partes do espaço e da vida coletiva e, por sua referência expressiva a totalidade urbana”

Dessa forma, a noção de cidade global esparra-se pelo cotidiano; vai aos poucos tornando-se banal, inclusive entre aqueles que se propõem entender e planejar as cidades, o que, em última instância, representa justamente investir conhecimento para a produção e o uso eficaz da tecnoesfera, garantindo a fluidez necessária às ações globais, em detrimento de toda a cidade.

Tal é o *marketing* da cidade global. E esse é tão real quanto mais a cidade vai se tornando seletiva, rígida e global, pois “as relações de forças objetivas tende a reproduzir-se na relação de forças simbólicas, nas visões do mundo social que contribuem para garantir a permanência das relações de forças” (Pierre Bourdieu, 1989;145)

O grau de complexidade do mundo vivido cotidianamente - a própria existência, enfim - toma uma nova dimensão quando habitamos cidades, em cujo espaço estão presentes grandes objetos que foram antecipadamente e estrategicamente elaborados para serem as formas a realizarem os eventos globais. Mas o meio técnico-científico-informacional de São Paulo convive simultaneamente com distantes periferias miseráveis, com arcaicos sistemas produtivos locais, com a lentidão da cidade do começo de século que, juntos, tecem a totalidade metropolitana e fazem sua força.

Ernest Cassirer (1991) nos diz que o homem ao invés de ser um animal racional é, sobretudo, simbólico. Aqui inserimos todo o universo de subjetividades que são atingidos pela produção de imagens à serviço do consumo que é, hoje, universal, possibilitado por sistemas de ações e sistemas de objetos extremamente intencionais, racionais e simbólicos. Estamos, enfim, diante de mudanças qualitativas da sociedade, que exige de todos esforços redobrados e novas experimentações para a apreensão, como caso aqui tratado, das grandes metrópoles contemporâneas.

## BIBLIOGRAFIA

ABLAS, L. e RIZZIERI, J. “Funcionalidade da Rede de Cidades Mundiais a Nível Internacional”. São Paulo, FIPE/USP, (mimeo) s/d.  
Anuário Estatístico do Brasil, IBGE, 1993.  
Anuário Estatístico do Estado de São Paulo, Seade, 1994.

BONAMY, J et VALEYRE, A. “Services, Relations de Service et Organization” In: BONAMY, J et MAY, N. (Eds.) *Services et Mutations Urbaines*, Paris, Anthropos, 1994 (p17-34).  
BOURDIEU, Pierre. *O Poder simbólico*. Rio de Janeiro, Editora Difel/Bertrand Brasil, 1989.

- CARLOS, Ana Fani A. "A Natureza do Espaço Fragmentado" In: SANTOS, M.; SOUZA, M.A.; SILVEIRA, M.L. (orgs) *Território, Globalização e Fragmentação*. ANPUR/HUCITEC, 1994 (p.191-197).
- CASTELLS, M. e HALL, Peter. *Las Tecno-polis del Mundo. La Formacion de los Complejos Industriales del Siglo XX* Madrid, Alianza Editorial, 1994.
- CASSIRER, Ernst. *Ensaio Sobre o Homem. Introdução a uma filosofia da cultura humana*. (1944). São Paulo, Martins Fontes, 1994.
- CORDEIRO, Helena. K. "A Cidade Mundial de São Paulo e o Complexo Corporativo do seu Centro Metropolitano". In: SANTOS, M. et alli (orgs). *O Novo Mapa do Mundo: Fim de Século e Globalização*. São Paulo, HUCITEC/ANPUR, 1993.
- CORRÊA, Roberto. L. "Concentração Bancária e os Centros de Gestão do Território" In: *Revista Brasileira de Geografia*, V.51(2), Rio de Janeiro, 1989.
- EMPLASA *Plano Metropolitano da Grande São Paulo. 1993/2010*. São Paulo, EMLASA, 1994.
- FRIEDMANN, John and WOLFF, Goetz. "World city formation: un agenda for research and action" In: *International Journal of Urban and Regional Research*, v6(3), 1982 (p.311-343).
- LABORIT, Henri. *Société Informationelle. Idees pour l'autogestion*. Paris, Cerf, 1973.
- LEFEBVRE, Henri. *A Vida Cotidiana no Mundo Moderno*. São Paulo, Ática, 1991.
- LEYSHON, Andrew. "The Transformation of Regulatory Order: regulating the global economy and environment" In: *Geoforum*, V33(3), 1992, (p 249-267).
- RIBEIRO, Ana Clara Torres. *Rio-Metrópole. A Produção Social da Imagem Urbana*. Tese de Doutorado, São Paulo, USP/FFLCH/Dep. de Ciências Sociais, 1988.
- SANTOS, Milton. *Espaço e Método*. São Paulo, Nobel, 1985.
- SANTOS, Milton. *Metamorfoses do Espaço Habitado*. São Paulo, HUCITEC, 1988.
- SANTOS, Milton. *Metrópole Corporativa Fragmentada. O Caso de São Paulo*. São Paulo, Nobel/EDUSP, 1991.
- SANTOS, Milton. *Por uma Economia Política da Cidade*. São Paulo, HUCITEC/EDUC, 1994.
- SANTOS, Milton. *Técnica Espaço Tempo. Globalização e Meio Técnico-Científico-Informacional*. São Paulo, HUCITEC, 1994.
- SASSEN, S. *The Global City: New York, London, Toquio*. Princeton University Press, 1991.
- SASSEN, Saskia. "El complejo urbano en una economía mundial" *RICS*. nº139, mar, 1994 (p 55-70).
- SCOTT, A. "A Economia Metropolitana. Organização Industrial e Crescimento Urbano" In: BENKO, G. e LIPETZ, A. (org.) *As Regiões Ganadoras. Distritos e Redes. Os novos paradigmas da geografia econômica*. Oeiras, Portugal, Celta Editorial, 1994.
- SHACHAR, A. "A Cidade Mundial e sua Articulação ao Sistema Econômico Global" In: BERTHA, B. et alli (org). *Abordagens Políticas da Espacialidade*. Rio de Janeiro, UFRJ, 1983.
- SOUZA, Maria Adélia A. de. "A Metrópole Global: Uma Reflexão Sobre as Transformações no Nível Intrametropolitano" *Seminário Metropolização e Sociedade*. Rio de Janeiro, IPPUR/UFRJ/ANPUR, (mimeo)1993.
- SOUZA, Maria Adélia A. de. "Conexões Geográficas. Um Ensaio Metodológico" (Uma versão ainda preliminar)" In: *Boletim Paulista de Geografia*, n 71, AGB, S.P. 1992.
- SOUZA, Maria Adélia A. de. *Governo Urbano*. São Paulo, Ed. Nobel, 1988.
- TOMELIM, Mário. *O Quaternário: seu espaço e poder*. Brasília, Ed UNB, 1986.
- VELTZ, Pierre. "Nouveau modèles d'organisation de la production et tendances de l'économie territoriale" In: BENKO, Georges. *La Dynamique spatiale de l'économie contemporaine*. Paris, Éditions de L'Espace Européen, 1990 (p.53-70).

---

**Endereço do autor:** Adriana Bernardes

Diógenes Ribeiro de Lima, 2001 Bloco 84 apt. 9 Alto de Pinheiros São Paulo, CEP: 05458-901 Tel: 8183775 ( Laboratório de Planejamento USP)